

CHUVA QUE TRAZIA TRANQUILIDADE; CHUVA QUE TRAZ MEDO*Rain that Brought Tranquility, Rain that Brought Fear*Gustavo Gordo de Freitas¹**RELATO PESSOAL**

Eu cresci no pequeno distrito de Barra de São João, no município de Casimiro de Abreu-RJ, à cerca de 130 km da capital do estado. Com aproximadamente 8 mil habitantes, a localidade é, para a maioria dos moradores, um pedacinho do paraíso. À beira do mar, cujo som do quebrar das ondas embala o sono leve e tranquilo, traz uma paz profunda para a maioria dos que se sentam na areia, mesmo para observar as mais violentas ressacas. O som da chuva intensa batendo nas folhas das amendoeiras centenárias e gigantescas sempre traz bons sentimentos, ligados à certeza de que a natureza vibra e emana vida e de que a terra se beneficia enormemente das gotinhas que tão diligentemente a irrigam. Mesmo o silvo do vento, que sopra forte e com grande frequência, sinaliza dias de sol, praia e tranquilidade. É, sem dúvidas, a vida que a maioria das pessoas pediu a Deus. Foi aí, nesse lugar bucólico e paradisíaco que vivi até os 28 anos.

Em junho de 2022, mudei-me para Pelotas (RS). Vim cursar mestrado em Ciência Política na UFPel. Logo de início, passei por um temporal intenso no meio do inverno, coisa que na minha cidade só acontecia no auge do verão. Todos me disseram que aqui era normal esse tipo de evento meteorológico, embora fosse um inverno particularmente chuvoso. De qualquer forma o estranhamento é um dado para todos os que migram, o espanto estava ligado ao sentimento de tranquilidade que a chuva forte sempre me trouxe.

No verão de 2023, mais uma vez fui acometido pelo choque do clima de um lugar diferente. O verão em Pelotas faz inveja nos lugares mais quentes do Rio de Janeiro e mesmo acostumado com

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (PPGCPol/UFPel). Bolsista CAPES. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM). E-mail: gustavogordof@gmail.com

um calor relativamente intenso e frequente, já que lá o inverno não é nem rigoroso nem duradouro, eu sofri. Mais uma vez todos me explicaram que era assim mesmo. Dizem todos que Pelotas é uma cidade muito húmida e por isso no calor a gente tem uma sensação de abafamento muito forte, como se fosse uma sauna. Mais uma vez eu entendi que era mero estranhamento e que logo o verão passaria e o clima voltaria a ficar fresquinho.

A bem dizer, vários outros hábitos meus foram modificados por causa da diferença entre o clima do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Minha frequência na rua se reduziu; as atividades se tornaram mais internas; eu passei a comer mais e ingerir menos álcool; o vestuário passou a ter um planejamento diário; adquiri o hábito de verificar regularmente o aplicativo de meteorologia; etc. Eu passei por uma série de adaptações, mas todas me modificaram a nível de experiência de vida, não na forma como eu entendia qualquer os eventos meteorológicos em si.

Em maio, nós começamos a ver alguns episódios de chuvas severas no norte do estado. Para mim foi um choque tão grande quanto qualquer outro. É sempre triste ver as pessoas perdendo tudo, mas o distanciamento diminui a sensação de preocupação. Eu me lembro que mandei mensagem para alguns amigos cujas famílias sei que moram nessas regiões, mas não passou disso. Conversei com conhecidos sobre a situação nos lugares que frequento, mas novamente, tudo ao nível de conversas sociais e sem grande interesse.

Em 15 de junho, me lembro que o dia estava feio, como que se preparando para uma tempestade forte, mas não havia alarmismo. Era só mais uma chuva. Eu cumpri com meus compromissos acadêmicos e de casa, fiz minhas coisas e fui dormir normalmente. Acordei com o som da persiana batendo com muita força por conta do vento e o som da chuva castigando as janelas. Era um som muito forte e perturbador. Eu me levantei para desligar os eletrodomésticos para que uma descarga elétrica não os queimasse, mas quando saí do quarto, o barulho era ainda mais forte. Os sentimentos mais irracionais me tomaram.

Eu não costumo me desesperar com as coisas. Sou o tipo de pessoa que vive os sentimentos, mas sempre tenta racionalizar os desesperos. Aquele momento foi uma luta contra mim mesmo. Eu demorei um pouco para entender que estava seguro dentro da minha casa e protegido. Onde um moro não há árvores altas, os prédios são baixos e eu moro no segundo andar. Não havia nenhum risco real para mim ou para meu companheiro. Mas de entender isso com a minha cabeça e viver isso com o meu coração, foi uma longa jornada que só terminou quando amanheceu.

Acho que foi a primeira vez que eu vivi a sensação de que minha vida estava em risco. Na tentativa de entender o sentimento, notei que foi uma das coisas mais profundas e animais/institivas que já sentira. Eu me lembrei dos bichos em dia de tempestade que se recolhem muito e às vezes tremem. Não tremia por pura racionalidade, mas sentia vontade de me encolher. Sentia medo, muito medo. Como disse, a chuva sempre me trouxe sensação de tranquilidade, mesmo forte com ventos violentos, mas nesse episódio, meu sentimento era de risco iminente. Foi uma luta relativamente intensa contra tudo isso até eu entender que realmente estava seguro. O pensamento que agora já está mais organizado, na hora era um turbilhão.

Quando amanheceu, o céu estava nublado, mas não tinha chuva ou vento. Parecia mesmo cena de filme. Não tínhamos comunicação, pois os as antenas de celular estavam sem serviço, tampouco tínhamos eletricidade. Não conseguíamos avisar às pessoas que estávamos bem. Por sorte, a compra do mês que fora feita na semana anterior, então tínhamos comida o suficiente e não teríamos maiores problemas nesse sentido, mas a incerteza estava ao lado, já que sendo o evento novo, não sabíamos se voltaria, que tipo de problemas relativos à infraestrutura da cidade nós viveríamos ou quanto tempo levaria para resolver os problemas já identificados. Estávamos totalmente isolados. Os vizinhos também viviam o mesmo.

No final da manhã, a energia voltou e com ela a internet, permitindo-nos descobrir os estragos avassaladores em outros lugares. Conforme íamos tendo mais notícias sobre a destruição e depois de mortos, ia crescendo em mim um sentimento confuso e múltiplo de gratidão, compaixão, sorte, pena, alívio, medo... Eu me lembrei da catástrofe ocorrida em Nova Friburgo (RJ) em 2011, quando foram contabilizados 900 mortos. Um conhecido me contou à época que a cidade parecia uma zona de guerra e que tinha cheiro de morte. Meu irmão estava estudando lá nesse período e embora me preocupasse, não tinha dimensão da questão, pelo menos não até viver o ciclone em Pelotas.

Nos meses subsequentes, outros ciclones vieram. Menos fortes para nós, embora bem piores para as cidades do norte do estado que foram seriamente castigadas por todos eles. Mas a primeira experiência marcou a todos. A cidade entrou em alerta. A prefeitura anunciou de toda a forma que pode para as pessoas ficarem em casa. Todo mundo ficou desesperado para tomar providências para mitigar os possíveis efeitos. O desespero se instalou. Houve vezes em que a previsão de vinda do ciclone não se concretizou, mas todos estavam preparados para o pior. Toda a dinâmica social se modificou em função do novo elemento meteorológico, aquele que as várias gerações aprenderam que nunca aconteceria no Brasil.

Minha relação com a chuva mudou. Agora quando chove me vem a preocupação, não mais a tranquilidade. Se antes eu dormiria na mais absoluta paz, hoje eu durmo preocupado com o dia seguinte. O estranhamento da migração para um novo estado não fazia mais sentido, pois era um fato completamente novo para quem sempre viveu aqui também. Todos se desesperaram juntos e ainda se preocupam da mesma forma. Não há uma explicação amplamente aceita pelo conjunto social que faça concluir que é só uma questão de adaptação. Houve uma mudança na forma como os nascidos aqui se relacionam como o espaço e com a natureza também. Não há quem não se amedronte ou se entristeça quando se fala dos ciclones do inverno de 2023.

Enquanto escrevo este texto, chove lá fora, acabou a luz e mais uma vez vem o medo das consequências inesperadas e imprevisíveis. Não se pode saber quanto tempo vai durar ou se não teremos problemas maiores do que somente a falta de luz. Quanto durará o pavio da vela ou a comida no armário caso nos seja dado viver os infortúnios vividos por milhares de pessoas em outras partes do Rio Grande do Sul. As chuvas dos últimos meses, fruto de ciclones que na minha infância sempre foram ensinados como impossíveis em nosso país, agora são reais. Não são mais “coisa de filme de catástrofe natural”. Parece que se tornou a nova dinâmica meteorológica e modificou a forma como me sinto em relação às gotinhas que antes me traziam tanta paz ao cair do céu.